

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ SETOR LITORAL

THAÍS AKEMY HIGUCHI

CONTO DE FADAS: Rapunzel no imaginário infantil

Trabalho apresentado para conclusão de curso
como requisito avaliativo do curso de Licenciatura
em Artes, Setor Litoral, da Universidade Federal
do Paraná.

Orientação: Prof. Lúcia Maria G. de Resende

MATINHOS
2014

*A criança que fui chora na estrada
Deixei-a ali, quando vim ser quem sou.
Mas hoje, vendo que o que sou é nada
Quero ir buscar quem fui onde ficou.*
(Fernando Pessoa)

TERMO DE APROVAÇÃO

THAÍS AKEMY HIGUCHI

CONTO DE FADAS: Rapunzel no imaginário infantil

Trabalho apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Artes,
no Curso de Graduação de Licenciatura em Artes, pela seguinte banca examinadora:

Professora Lúcia Maria Gonçalves de Resende
Orientadora

Professora Rosangela Valachinski Gandin

Professor Alaor de Carvalho

MATINHOS 10, DE JUNHO DE 2014

CONTO DE FADAS: Rapunzel no imaginário infantil

Thaís Akemy Higuchi¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo aprofundar o olhar no imaginário infantil, tomando como foco o conto de fadas da Princesa Rapunzel. Assim, busquei pistas sobre o desenvolvimento infantil para melhor compreender como se constrói esse imaginário. O estudo teve como desencadeador a participação em um programa de extensão oferecido pela UFPR – Setor Litoral: “O MUNDO MÁGICO DA LEITURA”. Para o desenvolvimento das análises, o trabalho tomou como referência um grupo de crianças entre três a seis anos de idade, da Rede Pública de Matinhos/PR. As ações desenvolveram-se por meio de dramatização em forma teatral a partir de uma adaptação do conto da Rapunzel. Percebendo-se como este tipo de literatura pode servir como uma ferramenta para a expressão do educando.

Palavras chave: Conto de Fada; Imaginário, Desenvolvimento Infantil.

ABSTRACT

This article aims to deepen the look on a child's imagination, focusing on the fairy tale named "Rapunzel". Searching for clues on child development to better understand how to build this childhood imaginary. The study was triggered by a participation on the extension program "The magical world of reading", offered by the Federal University of Paraná (UFPR – Setor Litoral). For the development of the analysis presented in this document, one group of children, between three and six years old from public schools of Matinhos / PR, was used. The actions were developed through dramatization, in a theatrical way, from an adaptation of the tale of Rapunzel. Perceiving how this kind of literature can serve as a tool for the expression of educated

Keywords: Fairy Tale; Imaginary, Child Development.

ERA UMA VEZ ... uma introdução

Ao iniciar as ações no projeto O Mundo Mágico da Leitura- MML eu não sabia exatamente com que atividades iria me comprometer. Inscrevi-me pois já havia trabalhado com crianças num projeto anterior e queria continuar no mesmo caminho. A proposta parecia ser bem convidativa, basicamente contar estórias² para crianças.

Confesso também, que de início não compreendi algumas ações, por exemplo, como fantoches poderiam incentivar a criança a ler – entenda neste caso, pegar um livro propriamente, para folheá-lo ou até mesmo comprar - ainda mais em relação aos dias atuais, nos quais encontramos facilmente acesso em mídias mais

1 Acadêmica do curso de Licenciatura em Artes pela UFPR-Setor Litoral.

2 Para este trabalho, utilizarei a palavra *Estória*, que segundo o Dicionário Aurélio significa: Narrativa de ficção; exposição romanceada de fatos puramente imaginários (distinta da história, que se baseia em documentos ou testemunhos); conto, novela, fábula: estórias de quadrinhos./ Ant. história.

interativas, como o Kindle³, por exemplo.

Após me situar no projeto e adquirir mais embasamento teórico, que eram compatíveis com a Licenciatura em Artes, que estava cursando, através das oficinas propostas pelo próprio programa como uma forma de capacitação inicial, pude entender melhor a proposta do “MML” como assim é chamado. Assim como a adaptação dos textos das histórias, também confeccionamos o cenário e o figurino.

Os Contos são narrativas muito antigas que nem sempre estiveram nos livros. Essas histórias foram sendo repetidas, levadas de um povoado para outro, atravessando fronteiras. Assim, foram deixando rastros nas diversas localidades por quais passaram, sendo narradas de forma correspondente ao entendimento da cultura local, sofrendo algumas modificações, mas preservando seu conteúdo principal. Estas histórias estão carregadas de sentimentos universais, tais como: o amor, o ódio, a inveja, a tristeza, a alegria, a paixão, o medo, a admiração e, por onde quer que passem sempre encontram acolhida em um coração que tenha, pelo menos, um pouco destes sentimentos. (SORIANO, 2009, p. 25)

Se antigamente a prática era feita na forma oral, é interessante começar inserindo assim também, e aos poucos introduzir os livros para que as crianças possam manusear e instigar seus interesses. Quanto mais prazeroso e lúdico a história for apresentada para a criança, mais ela irá se sentir motivada.

Apesar de utilizar outros contos literários, decidi que o mais sensato seria trabalhar em cima daquele que visivelmente as crianças mais apreciavam e se identificavam, no caso, a Rapunzel. Visto que os Contos de Fadas são apreciados em diversas gerações. Conseguindo nunca perder seu encanto.

Alguns professores preferiam a personagem de uma forma mais tradicional, ou seja, loira. Outros não se importavam com o físico e sim com o contexto no geral, lembrando que não era a regra que Rapunzel fosse loira, mesmo nos contos mais clássicos. Veremos no decorrer do trabalho, que a própria *Disney*, em sua versão mais recente sobre a obra, aborda a Rapunzel com cabelos escuros no fim da história. E para descobrir o desenrolar das apresentações e de como Rapunzel foi apresentada, caro leitor, entre neste universo encantado comigo...

1. “O Mundo Mágico da Leitura”: lendo e explorando o mundo infantil

3 Leitor de livros digitais desenvolvido pela subsidiária da Amazon, a Lab126, que permite aos usuários comprar, baixar, pesquisar e, principalmente, ler livros digitais, jornais, revistas, e outras mídias digitais via rede sem fio. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Kindle>. Acessado em 30 de abril de 2014.

O programa, intitulado O Mundo Mágico da Leitura, localizado na cidade de Matinhos/PR, acontece desde 2009, oferecido pela UFPR Litoral e é coordenado por uma equipe de professores desta instituição. Tem como objetivo o incentivo à leitura e ao letramento, sendo voltado para crianças da rede municipal de ensino e também para o ensino fundamental e médio, contudo para formar multiplicadores.

As atividades do programa baseiam-se em narrar histórias, a fim de incentivar a leitura das crianças e também a interpretação textual na oralidade. Empregava-se as técnicas de teatro de fantoche e dramatização de texto nas sessões. Em geral, os materiais utilizados eram pedagógicos de baixo custo para que as escolas também pudessem recriar as estórias com seus alunos. Utilizamos, por exemplo, o E.V.A. (espuma sintética), tinta guache, feltro, T.N.T., papel, cola, palitos, entre outros materiais.

Para auxiliar a compreensão do texto literário apresentado, era empregado a sequência didática de Solé (1998) que pode ser sintetizada em três passos:

- Antes, leitura, preparando e motivando as crianças, através do diálogo e instigando o conhecimento prévio dos pequenos, ao perguntar sobre o título da obra;
- Durante a leitura, interagindo com a criança e procurando instigar a elaboração de inferências;
- Depois da leitura, a recapitulação da história para verificar se houve compreensão da mesma.

O programa, tem um curso de extensão *“Como Incentivar a Leitura e contar histórias para crianças”* que consiste em capacitar estudantes do ensino fundamental anos finais e médio para incentivo à leitura, por meio da linguagem artística.

O MML ainda possui divisão em três grupos: Projeto *“Promoção da Saúde”*, no qual a temática se baseia em assuntos de prevenção, higiene pessoal ou ambiental. O *“Clube da Leitura”*, que é subdividido na *Leitura Mediada* e na *Dramatização*, do qual fiz parte. Este primeiro, leva livros ampliados e trabalha a leitura de uma forma mais ampla, reconhecendo, discutindo e interpretando o texto. O segundo, consta da adaptação do texto literário para posterior apresentação com

fantoches de feltro ou de palito⁴. A adaptação do texto narrativo acontece para o texto teatral, sendo separados por atos.

As apresentações acontecem atrás de uma grande cortina colorida e suspensa por dois cavaletes de madeira. O narrador entra em cena, conversando com a plateia e inicia-se a apresentação.

Para cada ano é feito um cronograma de cada grupo. No início os bolsistas se reúnem com a equipe pedagógica das escolas e CMEI's⁵ parceiros, para fazer uma avaliação diagnóstica reconhecendo as características relevantes do local e seus alunos. A partir disto, vem a construção do calendário e escolha dos contos literários, abordando temas relacionados as necessidades dos locais. No desenvolvimento processual, a partir das orientações de Solé(1998), percebe-se a intensidade dos infantes e por fim, vem a avaliação somativa, realizada no fim do ano com o resultado das ações produzidas e sintetizada.

Iniciei as atividades em março de 2013, já na parte prática, com as contações propriamente. E o Clube da Leitura era vivenciado em quatro locais, sendo dois cmei's e duas escolas fundamentais. As apresentações ocorriam quinzenalmente de dois em dois locais. No passar das observações e a relação do interesse das crianças, nasceu a ideia de aprofundar o estudo das percepções referentes ao desenvolvimento infantil.

Era notável como no início das apresentações as crianças demonstravam-se receosas e mais contidas em suas participações. Ao longo processo, pudemos observar como elas ficavam mais interativas com o texto apresentado. Tanto com os integrantes do grupo que eram inicialmente em cinco e ao final do ano, quatro bolsistas, como também com os personagens que apareciam ao longo dos contos.

Conseguiam assimilar, por exemplo, se o personagem que aparecia em uma determinada estória aparecia em outra. Inicialmente os fantoches não coincidiam. Mas o grupo achou importante “reciclar” alguns personagens, dando-os identidade., Principalmente aqueles que as crianças demonstravam maior empatia, como no

4 Traçamos o desenho num papel A4, pintamos com guache, lápis de cor ou giz de cera. Em seguida colamos papel *contact* para melhor proteger e depois acrescentamos um palito para segurar o fantoche.

5 CMEI: Centro Municipal de Educação Infantil

caso do *Macaco Danado*⁶. Personagem inicialmente apresentado na história que leva seu nome e depois reciclado no *O Grande Urso Esfomeado*⁷ e depois em *Dona Baratinha*⁸. No primeiro momento, era um “macaco criança”, que procurava encontrar sua mãe pela floresta e se deparava com vários animais, que nem de longe pareciam com sua criadora. Na segunda estória, aparecia como o narrador. Por último, supostamente já crescido, era um pretendente para a Baratinha, que queria se casar. Resultado que não obteve tanto êxito, sendo que fazia barulhos demais.

Não só esse aspecto de codificação foi uma observação positiva, visto que a participação das crianças aumentava quando o personagem a qual se apegavam, aparecia. Também presenciamos o carinho que os pequenos iam criando com os integrantes do Mundo Mágico. Na escola Monteiro Lobato, criamos um grupo denominado “Fãs”, pois como chegávamos cedo e tínhamos que esperar o intervalo terminar para dar início as apresentações, as crianças nos reconheciam. Em vez de correrem no pátio, preferiam ficar em torno de nós e conhecer melhor os personagens que iriam aparecer!

No teatro, o jogo dramático trabalha com características do jogo imaginativo, esta ferramenta, articula com o pensamento fazendo com que o participante fique livre para criar sua história.

“Jogo dramático é uma forma de expressão que diz respeito à natureza humana inteira. As crianças tornam-se confiantes e obedientes usando o drama e os adultos, sábios, observando-os, podem ver até onde uma criança chegou na vida. Pois é com a própria vida - com todo o crescimento mental e físico dos seres jovens - que esta forma de arte se preocupa na realidade. Conhecendo o Drama Infantil, nossa atitude para com as pessoas pode mudar e nossa compreensão pode se aprofundar. Ele é portanto de grande importância para todos os pais, bem como para os professores, de modo que começamos com algumas observações sobre a atitude dos pais e as necessidades da criança pequenina.” (SLADE, 1978 p. 20)

No sistema de ensino brasileiro, existe a carência dos estímulos pessoais, a criança a partir de uma certa idade, já começa a manifestar resquícios do jogo pessoal apenas exercendo controle sobre seu corpo. Segundo Slade (1978)

6 SCHEFFLER, Axel; DONALDSON, Julia. *Macaco Danado*. Editora Brinque Book, 2000

7 WOOD, Audrey; WOOD, Don. *O Ratinho, o Morango Vermelho Maduro, e o Grande Urso Esfomeado*. Editora Brinque Book, 2007

8 MACHADO, Ana Maria. *Dona Baratinha*. Editora FDT, 2004

“iniciando pela dança e depois na experiência de ser coisas ou pessoas e isto é uma ferramenta muito importante à se observar, para incentivar os estímulos naturais do indivíduo.” Infelizmente esta característica, acaba sendo esquecida ou não notada ao longo dos anos.

Um fato interessante da expressividade e crença dos pequenos, foi um momento onde havia um personagem de rato todo cinza, um animal que até então, causa repugnância. Este estava com os dentes moles e prestes a cair. Como o manuseio de várias crianças ao mesmo tempo poderia desdentar o bichano, e no momento não teríamos como “operá-lo”, foi dito que o tal iria descansar para a apresentação. Ou que iria ao médico, não recordei com certeza. E umas duas menininhas que ouviram, logo deitaram o rato na caixa com os outros fantoches, cobriram com a cortina e fizeram um gesto de silêncio para os outros colegas. Em seguida perguntaram algo do tipo “ele vai ficar bem?” ou “ele tá dodói?”. Nunca esquecerei aqueles rostinhos meigos, olhando seriamente e preocupados. O grupo de crianças entendeu prontamente que o Rato, que neste momento já tinha vida própria, não poderia brincar com elas e as mesmas logo inventaram outra coisa para distraí-las. Mesmo que fossem nos encher de perguntas ou contar seus “causos”. Piaget (1986) vai chamar esta relação de animismo, ocorrendo por volta dos dois a sete anos, sendo que a partir dos cinco esta característica vai se atenuando, abordarei sobre ao longo do texto.

Também tínhamos uma menina, filha da pedagoga da escola, que estudava pela manhã em outro local, que o projeto não atendia. Como nossa apresentação era a tarde, ela ficava o dia inteiro na escola com sua mãe para poder nos ver e ouvir. No início era tímida, mas ao estabelecermos amizade ela até começou a fazer pequenas apresentações, como levantar alguns fantoches. E também andava conosco de sala em sala a tarde toda.

Havia outra menina que não podia ver o grupo chegar e já gritava “Ah o Mundo Mágico chegou!” ou “Eba, hoje tem historinha!”. No início a equipe até ficou surpresa, mas depois, isso acabou virando um daqueles bons incentivos, sinal de que o trabalho estava dando certo.

A participação dos professores também foi de grande valia. Havia uma professora que sempre nos apresentava a atividade elaborada de acordo com o que

foi proposto na contação anterior. Foi em contato com esta escola, que surgiu o interesse em proporcionar uma melhor análise sobre o comportamento das crianças durante as apresentações. Para isto, selecionei apenas um conto infantil como base. E de todas as dez histórias apresentadas ao longo do ano a escolhida foi a da Rapunzel, único conto de fadas clássico da literatura infantil mundial ou estrangeira do cronograma, e última apresentação.

2. O universo dos contos de fadas

Durante a apresentação, as crianças falam suas verdades, e se identificam ou mesmo demonstram desconforto, sem nenhum pudor, pois se veem dentro da trama. Neste caso, devemos repensar a relação que este conjunto de simbologias faz com a infância e suas contribuições para a história.

Embora não seja unânime, os contos de fadas têm origem céltica – século II A.C.- e não foram compostos apenas por fantasias ou sonhos e sim motivados por uma sociedade real. Com problemas sociais, aos quais os indivíduos da época eram submetidos, como abuso, preconceito e luta pela sobrevivência. Ou seja, eram responsáveis pela formação coletiva de espiritualidade e cultura de povos. Como podemos imaginar, inicialmente nem era algo escrito propriamente para as crianças.

Este despertar ainda seria os primeiros passos de uma sociedade que estaria caminhando para se tornar tutora de uma criança que agora era percebida como frágil, pois seus valores estariam relacionados com sua evolução intelectual o que alguns procuram usar para suas afirmações de que a idade média seria um período de trevas ao que podemos perceber neste estudo que seria uma expressão equivocada ou utilizada propositalmente para atingir interesses particulares. Percebe-se que a própria arte que elevou uma infância mística, trás no decorrer dos séculos uma infância real, despertando as sociedades para o ser infante. (BARBOSA, 2007 p. 06)

Somente após a identificação da infância, no século XII é que recebem adaptações.

Crianças sempre existiram independentemente das concepções que se tinham delas. O estudo histórico de Ariès (1981) destacou que, durante parte da Idade Média, as crianças eram consideradas como meros seres biológicos, sem estatuto social nem autonomia. Sabemos também que a idéia contemporânea de infância, como categoria social, emerge com a Modernidade e tem como principal berço à escola e a família. (BARBOSA, 2007 p. 15)

Nesta descoberta, surgiu a necessidade de ampliar os contos que até então eram transmitidos na oralidade. Mas na forma como conhecemos os contos, estes

apareceram na Europa, por volta do século XVI, sendo um precursor Perrault,⁹ segundo Soriano (2009), registrando suas histórias baseado nas apresentações populares orais. A partir daí fazia as adaptações para a corte francesa, censurando detalhes sobre sexualidade.

No passado os contadores de histórias eram tidos como pessoas importantes, por transmitirem experiência. Com o passar do tempo estas pessoas foram sendo substituídas pelas mídias sociais e, por consequência, foram perdendo as tradições e transformando-se em isolamento. Mas na idade moderna, a criança passa a ter uma valorização e é aí que entram a escola e a literatura. Muitas vezes os contos eram utilizados com alguma moral, a fim de reforçar alguns casos, como não andar pela floresta, não conversar com estranhos, etc. Cada conto, fazia uma relação com sua cultura ou cotidiano, ao qual estava inserido. No entanto, de acordo com Ariès (1981), “*no seu surgimento efetivo, havia a intenção de “manipular” o emocional das crianças, de acordo com interesses sociais.*”

Para caracterizar uma literatura como um conto de fadas, é necessário conter a magia ou encantamento, o “maravilhoso”. Principalmente, ter um herói ou heroína, que em muitos casos são descritos como integrantes da realeza. Estes procuram enfrentar os obstáculos que tanto podem ser os descritos vilões, como também situações adversas, a fim de conseguir sua realização pessoal e o final feliz, utilizando algum objeto mágico para conseguir o almejado.

No caso da Rapunzel, como herói temos o Príncipe, teoricamente seu salvador. E a personagem principal, também não deixa de ser uma heroína, pois no fim das contas, acaba tendo suas realizações. A feiticeira é uma vilã e obviamente receberá seu castigo. Sem faltar os cabelos extensos e lágrimas da Rapunzel, como o objeto mágico ou encantamento. A menina, ao se livrar das madeixas, sair da torre e derramar suas lágrimas nos olhos do príncipe, tem sua libertação pessoal. O príncipe, salvando a mocinha, fazendo-a conhecer o mundo fora do castelo também tem seu reconhecimento. Ambos se reencontram e conseguem seu almejado final feliz.

9 Charles Perrault, escritor e poeta que estabeleceu novas bases para o novo gênero literário. O conto de fadas. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Perrault. Acessado em 30 de abril de 2014.

3. O conto, as crianças e a Princesa Rapunzel

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar a sua curiosidade. Contudo, para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com as suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que as perturbam. Resumindo, deve relacionar-se simultaneamente com todos os aspectos de sua personalidade - e isso sem nunca menosprezar a seriedade de suas dificuldades mas, ao contrário, dando-lhe total crédito e, a um só tempo, promovendo a confiança da criança em si mesma e seu futuro. (BETTELHEIM, 2007 p.11)

3.1: O CONTO: Que eu conto

Existem várias versões desta obra, sendo mais conhecida a dos irmãos Grimm^{10 11}, porém, a versão original leva o nome de *Petrosinella* e surgiu por volta de 1637 com o escritor italiano Giambattista Basile. A adaptação dos Grimm, veio da *Persinette*, releitura de Charlotte Rose de Caumont de La Force aristocrata francesa em meados de 1698. Basicamente o título Rapunzel, teria como significado algo como folhas de alface miúdas ou folhas de salsa, que para situar na estória, a mãe da menina sentia vontade de comer ao longo da gestação.

A versão utilizada, foi adaptado para o texto teatral pela coordenação do programa, juntamente dos bolsistas do Clube da Leitura que pode ser vista no *Anexo 1*.

Em toda versão existe uma mudança, até porque, os mesmos existiram através da oralidade. Nem sempre foram registrados na forma escrita. Em alguns casos, como exemplo o filme *Enrolados*, produzido pela *Disney*, a Rapunzel é uma princesa e seus cabelos servem como um antídoto para a Bruxa sempre se manter jovem. Ainda neste filme, assim que é cortado o cabelo da menina, que até então era loira, passa a ter as madeixas num tom castanho escuro. Um fato sobre isso em nossa releitura, será comentado no decorrer do texto.

3.2: AS CRIANÇAS: Que criam

Quando adultos, temos o discernimento para fazer alguns questionamentos.

¹⁰ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Rapunzel>. Acessado em 30 de abril de 2014.

¹¹ Jacob e Wilhelm Grimm, dois irmãos alemães que registraram várias fábulas infantis a fim de preservar a cultura alemã. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Irm%C3%A3os_Grimm. Acessado em 30 de abril de 2014.

Muitos perguntaram: Mas como é que a Princesa está lá na torre e de repente ela está aqui fora com a Bruxa? Só que alguns já se encontram tão céticos que não dão espaço para a imaginação. Diferente das crianças que ainda conseguiam fazer isto. Numa cena, a Bruxa está subindo pelas tranças e na outra - como existe o corte nas novelas, existe um “corte” no teatro - elas já estão dentro da torre conversando. O telespectador adulto, deveria deixar-se levar pela estória. Perceber na sua mente, que o cenário mudava. Até porque uma grande floresta, ali era representada por uma humilde moita.

O conto de fadas só alcança um sentido pleno para a criança quando é ela quem descobre espontânea e intuitivamente seus significados previamente ocultos. Essa descoberta faz com que uma história passe de algo que é dado à criança a algo que ela em parte cria para si própria. (BETTELHEIM, 2007 p 236)

Piaget¹² (1986) se refere à criança, como tendo por personalidade seu egocentrismo, a não flexibilidade. E de que forma podemos relacionar isso ao apego a determinadas situações? A criança deve saber o que está se passando dentro de seu consciente para distinguir do que se passa em seu inconsciente. Semelhante ao pensamento de Vygotsky¹³(1995), onde o sujeito não é apenas ativo, e sim interativo. O que quer dizer que ele forma conhecimentos ao longo das relações interpessoais que possui. Um adulto pode compreender o conto de fadas como algo falso ou ilusório, enquanto que para uma criança, pode se tornar um mundo real.

Cada estória possui um mocinho e um vilão. É nesta hora que a criança se apega a determinado conto, porque se identifica com o personagem, que encontra diversos obstáculos para atingir sua meta. Obstáculos estes, que seriam seus dilemas de vida. Para Bettelheim (2007) “*Não podemos escolher qual história cabe contar a determinada criança*”. Ela é quem deve se identificar com a sua, visto que cada uma possui sua própria interpretação. Este é o momento ideal para trabalhar o senso crítico do infante, não apenas o fantasioso.

A compreensão desta faixa etária – entre dois a sete anos-, é classificada por Piaget, como Pré Operacional na sua Teoria Cognitiva¹⁴, muito utilizado pela

12 Jean William Fritz Piaget: Pensador do século XX. Estudou biologia e se dedicou a psicologia, epistemologia e educação. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Piaget>. Acessado em 30 de abril de 2014.

13 Lev Semenovitch Vygotsky: Pioneiro no conceito em que o desenvolvimento da criança ocorre em função de suas interações sociais e meio onde esta inserido. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Lev_Vygotsky. Acessado em 30 de abril de 2014.

14 Teoria criada pelo suíço Piaget, após observar seus filhos. A ideia é que a construção do ser

pedagogia, ou seja:

[...] o pensamento neste estágio continua a ser pleno de imagens e intuitivo, e o equilíbrio entre a assimilação e a acomodação ainda não é permanente. É esse pensamento intuitivo e semi-reversível, mas sem composições rigorosas, que constitui a transição das pré-concepções aos conceitos {...} (PIAGET, 1986, p. 65)

Esta fase é marcada pelo aparecimento da linguagem oral, possibilitando a criança a construir esquemas de ação interiorizados, representativos ou simbólicos. Substituindo ações, pessoas ou objetos por signos, que seriam as palavras. As relações com este mundo externo, vão diminuindo seu egocentrismo, mas internamente é difícil abrir mão dele. Uma característica deste pensamento é a dificuldade em compreender o ponto de vista intelectual ou emocional de outro indivíduo, pois não possui muita consciência de si próprio e atribui sentimentos em função de coisas ou animais (animismo).

A partir dos três anos, ela já começa a imitar o comportamento adulto e até os cinco anos, a criança acredita que qualquer coisa pode ser dotada de consciência. Aqui cabe, a ZDP de Vygotsky (1995), que seria a Zona de Desenvolvimento Proximal, caminho percorrido para desenvolver funções em processo de amadurecimento, determinado pelo que a criança ainda não domina. O que é compatível com a zona do desenvolvimento real, quando a criança já é capaz de fazer coisas sozinha, ou mesmo realizá-las com auxílio. Este seria o papel do conto de fadas para os menores, ou seja, uma ferramenta para seu desenvolvimento.

Assim como Bettelheim (2007), citando Freud, só lutando corajosamente contra o que aparenta ser desvantajoso é que o homem consegue extrair um sentido para sua existência. A mensagem do “maravilhoso” é de que uma luta contra dificuldades é algo inevitável. Se o indivíduo encara as situações sem se intimidar com o inesperado, poderá sair vitorioso. Vygotsky (1995) caracteriza isto como *internalização*, onde envolvendo uma atividade externa deverá ser modificado para tornar algo interno. Isto é, o desenvolvimento cognitivo é produzido neste método de internalização do social ou cultural, produzido de fora para dentro.

3.3: A PRINCESA RAPUNZEL: Que encanta

Quando entrei no projeto Clube da Leitura, esta estória já havia sido escolhida

humano é um processo que vai acontecendo ao longo da vida das crianças

pelos antigos membros, então, quis saber o motivo da escolha deste conto. Por que não os mais clássicos, como *Chapeuzinho Vermelho*, ou *Branca de Neve*?! Um CMEI, solicitou à coordenação, que fosse apresentado algum trabalho contendo algum tema etno racial, cultura africana, cultura indígena ou folclore brasileiro em forma de contação ou dramatização.

Em seguida a escolha desta fábula veio como sugestão da coordenação do programa. Após uma entrevista realizada em maio de 2014, durante o planejamento das atividades a serem realizadas no ano anterior. Conforme observado na avaliação diagnóstica daquele ano e dos anos anteriores, as versões estrangeiras de clássicos da literatura infantil, continuam sendo predominantes na oralidade das crianças. Por isso, a sugestão era de que fosse dramatizado um desses contos, para que os pequenos pudessem conhecer no concreto estes clássicos, porém deveria conter um diferencial daquelas versões tradicionais, apresentados pela *Disney*.

Visto que consta na resolução CNE/CP 003/2004¹⁵ “o princípio de conduzir à compreensão de que a sociedade é formada por pessoas que pertencem a grupos étnico-raciais distintos que possuem cultura e história próprias, igualmente valiosas e que em conjunto constroem, na nação brasileira, sua história.”

Como o cronograma foi elaborado nos últimos meses do término do termo de compromisso da bolsa extensão, o conto Rapunzel foi deixado para a última apresentação, por isso a maioria dos membros anteriores, não puderam participar.

Na minha entrada, a coordenadora sempre deixou claro que queria um diferencial a mais para esta história e que deveria ser dramatizada. Mas nunca me imaginei sendo Rapunzel, mesmo tendo o cabelo bem extenso. Como tínhamos uma outra bolsista que era loira, foi decretado pelo grupo que ela é quem faria o papel e eu seria sua mãe. Por ter descendência japonesa e olhos bem característicos, nós mesmos, como equipe, ríamos da situação. Talvez as crianças nem notassem a diferença, visto que mesmo apresentando contos literários o ano inteiro com personagens distintos, elas nunca se cansaram de quem estava por trás. O pai da menina também, no início das apresentações, era moreno, ou seja, a Rapunzel não teria nenhum traço dos pais, o que deixava a peça muito mais cômica em vez de

15 Conselho Nacional de Educação - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/003.pdf>

romântica.

Com a renovação de bolsas, contratos e tudo mais, a colega que fazia a Rapunzel acabou saindo. Algumas integrantes ainda possuíam resquícios de vergonha para fazer a personagem, afinal, passamos o ano inteiro apresentando atrás das cortinas e quase que num passe de mágica estamos em frente dela. Este não foi meu caso, visto que quando estou diante das crianças, naquele curto espaço de tempo, algo em mim se transforma. Como citei no início, parece que deixo de ser um personagem e me envolvo nas risadas dos pequenos, com a sensação de estar ali, sentada com eles. Assistindo a nós mesmos. Nisto me vi lá na frente, tendo uma experiência digna de princesa.

Ainda segundo a coordenação da equipe, ter uma acadêmica descendente da cultura japonesa, contribuiria para que a Rapunzel tivesse um perfil diferenciado. No tradicional, encontramos ela loira e com um comportamento ingênuo. Nesta versão, além do cabelo escuro, usa óculos e tem os olhos puxados. Se transformando ao conversar com o príncipe. Tornando-se protagonista de sua história, aliado ao perfil descontraído da acadêmica. Estes detalhes, podem aguçar a percepção das crianças sobre diferenças nas relações etno raciais, como consta na diretriz CNE/CP 5/12/2009.

Se não bastasse todas estas situações, a tal princesa asiática além de ser morena e usar óculos, ainda possuía um problema de piscar forte o tempo inteiro. Não foi algo criado para a personagem e sim um movimento involuntário que ocorre desde pequena. Um parênteses engraçado, é que as crianças costumam imitar involuntariamente esse tique e quando percebem – se percebem – perguntam o porque dele. Com certeza esta temática também daria uma boa história, visto que transtornos compulsivos aparecem geralmente na infância.

Mas voltando à Rapunzel, outra característica que nos foi pedida, era ter um castelo para a apresentação, no qual as crianças pudessem entrar. Como nossas apresentações eram atrás de uma cortina, logo sugerimos a confecção de mais dois cavaletes. Estes seriam cobertos com T.N.T. pintado e criado em forma de um castelo e ficaria mais ou menos em formato de uma caixa sem fundo, com três laterais. Teria que ser algo resistente e duradouro, visto que carregamos para vários locais. Como o orçamento era pouco e o tempo curto, tivemos que improvisar. O

improviso artístico, adquirido durante o curso, veio a tona. O castelo foi confeccionado na proposta de cortina mesmo, sem as laterais.

Contamos com a imaginação das crianças novamente, o que deu muito certo. Segundo Bettelheim, (2007, p 28) *“explicar para uma criança por que um conto de fadas é tão cativante para ela destrói. Além de tudo, o encantamento da história, que depende, de a criança não saber absolutamente por que está maravilhada.”*

Na nossa apresentação, a Bruxa tinha uma risada de dar medo, algumas crianças chegaram a chorar, mesmo não sendo nossa intenção, de que isso ocorresse. No momento em que a Bruxa pegava o bebê do colo da mãe, este chorava. Foi um fator bem realista, a ponto de fazer as crianças gemerem de pena. Para fazer a Rapunzel bebê, pegamos uma boneca convencional. Ao apertar o brinquedo, ela chorava e se apertasse na mão, ela ria. Engraçado era quando a bruxa não conseguia fazer a boneca chorar e as crianças se divertiam com o erro. Em seguida, conheceram o príncipe. Que surgiu montado num lindo cavalo feito de E.V.A. e cabo de vassoura. Este ficou entre os mais queridos da apresentação junto dos heróis. O tal príncipe fazia a sonorização do cavalo, que o tornava ainda mais real. Dando um susto nas crianças, que ao reconhecerem o príncipe escondido fora da sala, sorriam de amores.

Uma professora de outra escola até pediu para copiar o molde do “Pé de Pano”, como assim nomeamos o cavalo. Não são apenas as crianças que criam amores aos personagens, nós também! Nessa transição de mundos, criamos nossas próprias simbologias com o maravilhoso. Outro detalhe do príncipe, era sua linda coroa brilhante e sua longa capa, que quase destruía o cenário todo, fazendo com que as crianças dessem altas gargalhadas, até desconcentrando o resto dos integrantes da peça. Daí, aparece a Rapunzel, na torre, presa e triste. Com a chegada do desconhecido Príncipe, ela acaba se revelando também, com seu lindo vestido, de uma digna princesa. Nesta hora, ouve-se da plateia feminina, alguns suspiros: “Ai que linda!!” ou “Óhh!!”. E também notamos as carinhas bem atentas e alguns até de boca aberta. A Rapunzel e o Príncipe criam no palco uma pequena cena de humor, a fim de saber quem vai ser a primeira vítima da bruxa. Mas a donzela muito sabida, manda seu amor na frente. Teoricamente, ele é quem deve salvá-la.

Não é bem isso o que acontece, pois ambos acabam se salvando, como você pode ter entendido quando contei nossa estória. Na hora da recapitulação, há muita gritaria somada aos aplausos e pedidos de quero mais. Os pequenos também comentam de quem eles mais gostaram. “Eu gostei da Princesa, por causa de seu vestido.”, “Eu gostei do cavalo”, “Ahh, eu prefiro a Bruxa, ela assusta!”, “Eu gostei de tudo!”.

O FIM DO CONTO... E o começo do encanto

Com este trabalho, concluímos que apesar de ter como foco as crianças entre três a seis anos, não são apenas elas quem se apropriam dos personagens ou estórias. Esta faixa é a que está mais propensa à criação. E é a partir dos Contos de Fadas, utilizado como ferramenta, que o infante se expressa.

É neste pequeno mundo que as crianças enriquecem a imaginação e nós também. Quem interpreta, parece sumir! Só ficam os personagens dominando a cena, e o narrador. A sensação é de estar sentado com as crianças, ouvindo nossa própria contação. Ao final das estórias, as crianças ao voltarem para o mundo real, até tentam desvendar quem era quem e isso até poderia iniciar um novo jogo.

Por fim, o narrador faz uma breve recapitulação da estória, perguntando sobre os personagens e sobre a temática abordada e as crianças interagem. Essa ideia de vestir e ser o personagem nos faz sair do corpo. Não há forma melhor de se enxergar.

Entre março de 2013 e abril de 2014, data em que estive presente no projeto, a cada novo bolsista que entrava para nosso grupo, era perceptível seu desenvolvimento. Uns falam baixo, outros ficam de costas, ou até pronunciam palavras erradas. Não importa. A cada abraço recebido após uma apresentação, não tem como não se sentir motivado a recontar estórias, através destes gestos sinceros. No entanto, através desta vivência, é notável como os “adultos” com amarras ou não, ainda podem se identificar com os contos e interiorizar uma lição para si.

Ouvimos muitos relatos, demos muitas risadas. Compartilhamos causos e casos e também nos apegamos aos personagens. Quem escreve aqui, não é a pessoa que estava lá na frente, contando estórias e avaliando a reação dos

ouvintes. E sim, a que estava sentada junto às crianças, ouvindo-as. A Rapunzel se libertou das tranças, cortou seu cabelo e agora segue sendo ela mesma. Livre!

Enfrentaremos bruxas e dragões...

E viveremos felizes para sempre!

FIM

ANEXO 1: RAPUNZEL

Coleção Princesinhas da Editora MW

Adaptado para teatro por Rosangela Gandin e Acadêmicos Vinculados ao Clube da Leitura

PERSONAGENS: Pai, mãe, Rapunzel, Bruxa, Príncipe, uma boneca (bebê) e o Narrador

SONOPLASTIA: Porta, Cavalo

CENÁRIO: Torre ou castelo, um bosque com uma horta, uma moita com espinho, uma casa e um cavalo.

FIGURINO: Chapéu de bruxa, vassoura, coroa para o príncipe, capa para o príncipe, vestido para Rapunzel, tranças, nariz de bruxa, barriga para a mulher grávida.

ATO I- Do desejo ao cumprimento da promessa da bruxa no bosque

Narrador: Era uma vez um casal pobre que esperava ansioso pela chegada do primeiro filho. Eles eram vizinhos de uma bruxa que possuía uma bela horta. Um dia, a esposa disse ao marido:

Esposa: - Querido, estou com muita vontade de comer cenouras da horta de nossa vizinha!

Esposo: - Tudo bem querida, irei trazer cenouras para você.

Narrador: O homem então implorou para a bruxa, que lhe desse algumas cenouras para levar a sua esposa comer. A bruxa muito esperta, pediu em troca a criança que logo nasceria.

O rapaz muito aflito concordou, para poder satisfazer os desejos de sua mulher grávida.

Esposa: -(chorando) Querido, nosso bebê já nasceu, o que faremos agora?

Esposo: -(Aflito) Pensarei em algo e amanhã bem cedo, daremos um jeito.

Narrador: Sem o casal saber, de madrugada a Bruxa veio e pegou a criança, conforme o combinado. Levou-a para o alto de uma torre sem portas, apenas com uma janela e nomeou-a de Rapunzel. E lá ela cresceu

ATO II - O crescimento de Rapunzel na torre do castelo e sua paixão pelo príncipe

Narrador: Rapunzel passou anos dentro da torre sem conversar com ninguém e sem conhecer o mundo em sua volta. Como conhecia somente a Bruxa, passou a chamá-la de mãe.

Bruxa: - Rapunzel! A mãe chegou.

Rapunzel: - Já vou mamãe. (Joga as tranças).

Bruxa: - (Olhar malvado) Como eu gosto de você Rapunzel e ah! Como os seus cabelos são bonitos.

Rapunzel: - (Emocionada) Eu sei mamãe. É por isso que você gosta de alisá-los.

Narrador: A história de Rapunzel espalhou-se pela vila dos seus pais. Eles nunca mais a viram e choravam por não conhecer a sua filha. A história da menina levada pela bruxa foi

contada por todos os cantos do reino.

Mas um dia, um príncipe muito valente decidiu procurar a menina, que agora, já deveria ter uns dezoito anos.

Príncipe: - Vou sair por aí. Essa bruxa não deve ter levado a pequena menina para muito longe.

(E sai cavalgando pelo bosque).

Narrador: Após cavalgar pelo reino, em um certo dia o príncipe avistou uma torre escondida no bosque e viu a bruxa descendo pelas tranças de Rapunzel.

Príncipe: (Curioso) Se esconde e fica observando tudo.

Bruxa: - Filha eu vou até a cidade e já volto.

Rapunzel: - (Alegre) Posso ir com você, mamãe?

Bruxa: - Não Rapunzel. A cidade é muito violenta para você.

Rapunzel: - (Decepcionada) Tudo bem mamãe. Vou ficar te esperando

Príncipe: - (com voz delicada) Rapunzel, jogue-me as suas tranças.

Rapunzel: - (jogando as tranças) Nossa a mãe acabou de sair e já voltou.

- (Surpresa) Ah! Quem é você? Como soube de mim?

Príncipe: - Eu fiquei observando escondido numa moita aquela mulher descer e conversar com você. Mas me diga quem é você?

Rapunzel: - Eu sou a Rapunzel e aquela é minha mãe. Estou aqui nessa torre desde que nasci e não conheço o reino. Minha mãe diz que é muito perigoso andar pela cidade.

Príncipe: - (Espantado) Nossa! Você não pode viver presa nessa torre por muito tempo. Isso é prisão. Veja, você não conhece os rios, os pássaros..... Eu vou te tirar daqui e levar para conhecer.

Rapunzel: - (Suspira) Eu adoraria. Mas minha mãe está para chegar! Vá embora, pois se ela te ver aqui, ficará brava. Ela não quer que eu fale com ninguém. Volte amanhã nesse mesmo horário.

Príncipe: - (Descendo pelas tranças) Tudo bem. Mas amanhã esteja me esperando.

Narrador: E foi isso que aconteceu por alguns dias. O príncipe e Rapunzel saíam para conhecer o mundo enquanto a bruxa ia até a cidade. Entre um encontro e outro, os dois se apaixonaram.

Príncipe e Rapunzel (Em silêncio demonstram-se apaixonados).

ATO III - Da descoberta da traição pela bruxa ao casamento de Rapunzel

Narrador: Certa vez, a bruxa os viu juntos

Bruxa: -Vou acabar com essa história, eles vão ver. (Furiosa)

- Rapunzel, estou cortando suas tranças e de castigo vou deixá-la presa no porão do castelo, enquanto espero pelo intruso na janela

Narrador: Mas a bruxa não contava que enquanto ela esperava pelo príncipe, Rapunzel conseguiu

fugir do porão e ficou esperando a bruxa, para prendê-la.

Príncipe: - (Apaixonado) Rapunzel! Jogue-me as suas tranças.

Bruxa: (Joga as tranças e solta quanto o Príncipe estiver chegando perto da janela)

- Isso é para você aprender a não brincar com as coisas alheias. Há, há, há, há.

-Vai ficar cego para sempre, somente, as lágrimas de sua amada poderá devolver-lhe a visão.

Príncipe: - (Assustado. Cai em cima do espinheiro e grita) Meu Deus! Meu Deus! Estou cego. Caí em cima de espinhos. Nunca mais vou enxergar. (Sai vagando pelo bosque)

Rapunzel: -Você é muito má, o que fez com o príncipe? Agora você vai sentir o que é ficar presa por tanto tempo. (Rapunzel empurra na bruxa com a vassoura e prende-a no porão.)

Narrador: Depois disso, saiu pela floresta, em busca do seu príncipe.

Rapunzel: - Que saudade! Nunca mais irei vê-lo. (Andando ofegante)

Príncipe: (Perdido, vagando pelo bosque à procura de sua amada)

Rapunzel: (Espanto) Príncipe, é você?! O que houve?

Príncipe: - (Cansado) Por favor, estou com fome e com sede, pois estou andando pelo bosque por muito tempo.

Rapunzel: - (Ofegante) O que aconteceu com você? Não me reconhece?

Príncipe: - Rapunzel? Meu amor, fui te procurar como de costume e a sua mãe, que era uma bruxa, me jogou no espinheiro. Por isso, estou cego.

Narrador: Comovida Rapunzel deixa cair suas lágrimas nos olhos do príncipe.

Príncipe: - (Surpreso) Rapunzel! Estou enxergando outra vez. As suas lágrimas me curaram.

Rapunzel: - (Ofegante) Que bom! Que bom! Você está curado.

Príncipe: - Vamos! Vamos para o meu castelo. Lá estaremos seguros e, então, poderemos nos casar e procurar pelos seus verdadeiros pais.

Príncipe e - (De mãos dadas) Saem pelo bosque.

Rapunzel

Narrador: E foi assim que aconteceu. Eles se casaram, viveram no castelo e foram felizes para sempre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

SORIANO, Mônica Elizabete Amaral. **Contos de fadas e identidade infantil**. São Gonçalo, 2009.

PULASKY, Mary Ann Spencer. **Compreendendo Piaget: uma introdução ao desenvolvimento cognitivo da criança**. Rio de Janeiro. Ltc.1986.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6ªEd. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SCHNEIDER, Raquel; TOROSSIAN, Sandra. **Contos de Fadas: de sua origem à**

clínica contemporânea. Psicologia em Revista. Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 132-148, ago. 2009

BARBOSA, Hamilton Elias. **A construção histórica do sentimento de infância.** Goiânia, 2007.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** Trad. Dora Flaksman. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

PULASKY, Mary Ann Spencer. **Compreendendo Piaget: uma introdução ao desenvolvimento cognitivo da criança.** Rio de Janeiro. Ltc. 1986.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

MATERIAL DE APOIO

DRAGO, Rogério; RODRIGUES, Paulo da Silva. **Contribuições de Vygotsky para o desenvolvimento da criança no processo educativo: algumas reflexões.** Vila Velha, Revista FACEVV, nº 38, p. 49-56, 2009.

VIEIRA, Isabel Maria. **O papel dos contos de fadas na construção do imaginário infantil.** Revista criança, nº 38.

GONÇALVES, Laiza Karine. **A leitura do conto de fadas e o desenvolvimento imaginário infantil.** Porto Alegre, 2009.